

fazer alguma coisa e esse pensamento passaria para a pessoa a quem era dirigido, sem qualquer comunicação verbal". Dunninger comentou que os inventores, de modo geral, muitas vezes ficavam intrigados com a telepatia porque eles próprios "recebem impressões ou captam idéias que parecem provir de uma fonte exterior".

Dunninger também afirmou que Edison, de fato, mostrara-lhe o misterioso aparelho para estabelecer contato com os mortos. Não existe outro relato de qualquer pessoa jamais ter visto esse aparelho e nem mesmo existem registros de sua construção durante a vida de Edison. Por volta de 1935, quando Norman R. Speiden, a esse tempo supervisor-curador do museu *Edison National Historic Site*, fez uma pesquisa procurando vestígios desse trabalho, não encontrou nada. "Nos livros de anotações do Sr. Edison nunca pudemos achar coisa alguma referente a esta pesquisa e nunca encontramos nenhum aparelho que desse a impressão de ter sido construído com esse propósito." Speiden teorizou que Edison poderia ter tido em mente a utilização de uma válvula elétrica sensitiva ou de um tubo de vácuo, como elemento essencial para amplificar vibrações muito delicadas.

Todavia, as investigações de Speiden não foram em vão, porque ele comprovou a tentativa, do próprio Edison, de comunicar-se na hora de sua morte — três e vinte e quatro da madrugada. Três dos associados de Edison notaram que seus relógios haviam parado ao mesmo tempo — às três e vinte e quatro da madrugada. O grande relógio antigo, no laboratório do próprio Edison, parou três minutos mais tarde. O inventor, que era chamado de "O Velho", por seus colaboradores, certa vez gravou a canção popular "O Relógio do Vovô", com as palavras: ... "Mas ele parou, de repente, para nunca andar de novo, quando O Velho morreu."

Assim terminaram as tentativas de Edison, para a comunicação com os espíritos. Ou não terminaram? No que diz respeito a isso, uma estória ainda mais estranha começou a se desenrolar certa noite, em 1941, dez anos depois da morte de Edison, na sala de sessões de Mary Olson, uma médium de Nova Iorque. Seus assistentes, na ocasião, eram J. Gilbert Wright, o pesquisador da General Electric que descobrira uma massa especial para fixação de vidros e metais, e seu sócio, Harry C. Gardner. Wright, que muitos anos antes trabalhara

com o falecido Charles Steinmetz, um engenheiro eletricitista e inventor famoso, desde longo tempo interessava-se pela pesquisa psíquica e pelo espiritualismo.

O terceiro pretense visitante espiritual daquela noite foi Thomas Edison, que falou através da médium. Quase que incidentalmente, "Edison" comentou: "Eu creio que interessaria a vocês ver o diagrama do engenho em que eu estava trabalhando antes de vir para cá."

Wright e Gardner quase caíram um em cima do outro, tal o seu interesse. Para seu assombro, "Edison" deu-lhes os nomes e os endereços de três pessoas que poderiam ter o diagrama. Através de uma delas Wright e Gardner puderam obter "o único desenho existente da idéia de Edison".

Nós não sabemos, é lógico, se o desenho era genuíno. O aparelho representado consistia em uma corneta acústica de alumínio, uma antena, um microfone e um eletrólito químico para gerar uma corrente elétrica, a fim de amplificar as supostas ondas etéricas provenientes do mundo espiritual. As três pessoas, cujos nomes foram dados por Edison, haviam formado uma sociedade, logo depois da morte do inventor, e haviam tentado fazer experiências com o aparelho. Ele não funcionou.

No relato de Wainwright Evans, sobre esta aventura (revista *Fate*; abril, 1963), em primeiro lugar não é feita nenhuma menção a respeito de como o grupo adquiriu o diagrama. Edison, tendo plena consciência das demandas judiciais sobre patentes, era conhecido como sendo bastante reservado com suas idéias, antes de patenteá-las. Outro fator suspeito é a falta do tubo de vácuo, um engenho muito mais sensitivo, que Edison conhecera muito bem. Fosse ou não aquele o verdadeiro aparelho de Edison, Wright e Gardner também descobriram que ele não funcionava.

Não obstante, ambos lançaram-se ao trabalho de realizar outras experiências, com um engenho para amplificar as vozes dos espíritos, na presença de um médium físico. Eles estavam confiantes, acreditavam que seriam bem-sucedidos, uma vez que estavam sendo auxiliados pelo espírito de Charles Steinmetz!

Conforme Wright contou a estória, ele conhecera Gardner graças às instruções vindas de "Steinmetz" e transmitidas pelo médium Arthur Ford. Wright afirmou que o seu apa-